**A CONSTRUÇÃO CURRICULAR NOS ANOS INICIAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DAS CRIANÇAS**

Yasmin Izaurina Garces Alves Soares Kalandarova (UERJ)

Isabella da Silveira Bicalho (UERJ)

Victória Oliveira de Souza (UERJ)

**Resumo**

O presente trabalho tem por objetivo apresentar como as crianças constroem currículo considerando nossas observações como bolsistas do projeto de prodocência “A produção curricular da/na escola: o que pensam as crianças sobre currículo?”, orientado pela Professora Dra. Bonnie Axer, e que se concretiza dentro do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). Ademais, para uma análise mais significativa desta pesquisa, entrevistamos crianças do 1° e 5° anos do ensino fundamental a respeito do que é ser criança, quais são seus direitos e o que elas ensinam. A partir desse olhar da própria criança, evidenciamos a importância de se pensar nesses seres pequeninos como autores e produtores de conhecimento, bem como agentes ativos do currículo a qual se inserem.

**Palavras-chave:** Currículo; Ensino Básico; Infância; CAp-UERJ.

**INTRODUÇÃO**

Pensar no currículo em termos educacionais sempre nos remete à ideia de organização, guia e centralidade do conhecimento. Entretanto, é preciso desmistificar a eventual noção de currículo como uma ferramenta única, padronizada, pois “não se trata de pegar uma matriz e dar a ela outra disposição ou organização, trata-se de viver essa matriz pré-determinada e previamente finalizada inesperada, e negociá-la a todo instante.” (AXER; GIGANTE, 2023, p. 73). Desse modo, apresentamos o currículo para além de um único olhar ou ambiente, afinal, este desempenha um papel bem mais amplo e complexo que perpassa diversas camadas internas e externas da vida escolar.

A desconstrução do currículo padronizado é contínua para um educador que está sempre em movimento intelectual, e para nós, bolsistas e pesquisadores de campo. A nossa concepção sobre currículo vai se ampliando a cada vivência e descoberta no dia a dia de se observar os anos iniciais do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAp-UERJ, espaço em que atuamos como bolsistas do projeto de prodocência “A produção curricular da/na escola: o que pensam as crianças sobre currículo?” em sala de aula, e também em outros espaços para além do espaço escolar.

Durante as observações de campo é notório, para nós, que as crianças compartilham diversos conhecimentos e que trazem riquezas de sentidos e significações, e que muitas das vezes é ignorado pelos adultos, tendo em vista a ideologia de se pensar na criança como um ser alienado, e na escola, como um lugar apenas de transmissão ao invés de troca de conhecimentos. Segundo Sarmento (1997), é preciso considerar as crianças como atores sociais de plenos direitos e não apenas como meros componentes da sociedade.

Neste conceito trazido por Sarmento (1997), é observado que diariamente os estudantes dos anos iniciais do CAp-UERJ nos desafiam a desconstruir a nossa percepção da criança como componente social que não produz conhecimento, passamos a analisar aspectos importantes destas vivências em sala de aula e dialogar com esses dados para embasar a ideia do currículo produzido também por crianças - mesmo que estas não nomeiem essa ação como currículo.

Além de experiências e relatos, nosso trabalho possui também registros de entrevistas que realizamos com algumas crianças do 1º e 5º anos de escolaridade, respectivamente. Ampliamos o conceito de currículo para uma corrente em movimento, e também, como uma parte inclusiva da educação, pois é capaz de negociar e renegociar as diferentes formas do “fazer e criar” de acordo com a realidade e subjetividade de cada indivíduo.

**DESVENDANDO OS CONHECIMENTOS DAS CRIANÇAS**

Para ampliar nossa pesquisa, que tem como principal objetivo evidenciar a criança como autora e produtora, foram entrevistadas 3 crianças do 1º ano do ensino fundamental, na faixa de 7 anos. Daremos nomes fictícios para que não sejam identificadas. As perguntas foram direcionadas na tentativa de saber a visão delas sobre a infância e que nós, adultos, temos no nosso imaginário como uma fase transitória (FILHO, 2022). Buscamos evidenciar o olhar da criança sobre esse tema, pois há uma constância de pensamentos entre adultos que sobrepõe o olhar da própria criança sobre o que elas pensam.

É inegável que nosso pressuposto parte de uma concepção de infância que não produz e nem tem voz na sociedade. Neste sentido, trazemos perguntas que quebram um pouco esse paradigma ao analisarmos as respostas das crianças. Entre as perguntas realizadas estão:

| 1 | O QUE É INFÂNCIA? |
| --- | --- |
| 2 | VOCÊ SE CONSIDERA CRIANÇA? |
| 3 | QUAIS SÃO OS SEUS DIREITOS? |
| 4 | O QUE VOCÊ APRENDE NA ESCOLA? |
| 5 | O QUE VOCÊ ENSINA NA ESCOLA? |

As respostas que recebemos ganham vida numa perspectiva pouco alimentada socialmente, a perspectiva da criança a respeito do mundo, cultura e suas vivências.

Durante as entrevistas, Lia trouxe para nós a ideia de infância que é “as crianças brincando”, atrelando, dessa forma, o lúdico à infância. Até mesmo quando perguntamos o que ela ensina na escola, respondeu prontamente que ensinava a brincar. Percebe-se que o lúdico é sua principal forma de se colocar no mundo, de aprender e de ensinar. É a sua linguagem.

Elias, quando questionado sobre o que ele ensina, disse que matemática, números e ler livros. Isso porque como ele está um pouco mais rápido que o restante da turma, acaba por ajudar seus colegas nas tarefas de aula. É notório que Elias já se coloca num lugar de produtor de conhecimento, pois não apresentou nenhuma surpresa à minha pergunta, enquanto Davi ficou espantado com a mesma pergunta - “O que você ensina?”. O estudante olhou muito surpreso e ficou muito tempo pensando, como se tivesse vivenciado a oportunidade deste espaço de protagonismo pela primeira vez. Depois de algum tempo pensando, ele nos respondeu: “Eu ensino como arrumar os negócios”.

As entrevistas feitas com o 5º ano trazem questões a mais e também respostas um pouco mais complexas. As crianças do 5º ano estão na faixa de 10 e 11 anos, e apesar da pouca idade, é possível notar pelas falas de algumas delas a plena noção do direito de ter seu espaço e seu lugar no mundo respeitados por todos. As perguntas levadas a eles foram:

| 1 | O QUE É INFÂNCIA? |
| --- | --- |
| 2 | VOCÊ SE CONSIDERA CRIANÇA? |
| 3 | COMO AS PESSOAS TRATAM AS CRIANÇAS? |
| 4 | VOCÊ TEM RELIGIÃO? |
| 5 | QUAL A SUA COR? |
| 6 | VOCÊ TRABALHA? |
| 7 | QUAIS SÃO OS SEUS DIREITOS? |

A intenção das perguntas feitas foi perceber como elas recebem o que ouviram e como elas se colocam diante de tais questões. Colocamos a questão do trabalho pensando no dia a dia delas, já que algumas “trabalham” confeccionando pulseiras e vendendo aos colegas de classe. Diante disso, foram entrevistadas 6 crianças, usaremos apenas 2 entrevistas, mas que pelo nível das respostas, é possível ter noção do que as outras também responderam.

A primeira entrevistada, Marta, uma menina negra, “neguinha” - como ela se autodeclarou, de 10 anos e católica, traz a concepção da infância como melhor momento da vida e já não se vê como crianças e sim como pré-adolescente. Algumas de suas respostas nos chamam atenção:

- *Como as pessoas tratam as crianças?*

*-* “Bom, eu acho que bem, mas não são todas as pessoas.”.

- *Você trabalha?*

- “A minha mãe tentou dar uma ideia de ter uma confeitaria, só que não foi muito pra frente e minha mãe não conseguiu fazer muitas entregas, mas eu ajudava ela a fazer os doces.”.

- *Quais são os seus direitos?*

- “Criança praticamente pré-adolescente tem muitos direitos… Fazer *skincare*! Tenho direito de estar na escola, de estudar. É isso.”.

A segunda entrevistada, Fernanda, de 10 anos, é uma criança negra e protestante. Traz em suas respostas reflexões que nos faz pensar mais profundamente sobre o lugar da criança na sociedade brasileira. Durante a entrevista, algumas perguntas a mais foram feitas conforme a conversa fluía, seguindo respectivamente as mencionadas anteriormente:

-“Ah, é ser crianças, né! É brincar, é correr, estudar…”.

- *Como as pessoas tratam as crianças?*

-“Olha, na minha visão, as pessoas costumam respeitar, mas não são todas. A criança é sempre colocada como alguém abaixo, entendeu? E todos os outros são superiores.”.

*- Você já passou por uma situação dessa?*

- “Já, entendeu? Mais na minha família, na parte dos meus avós…”.

*- Te desrespeitaram de alguma forma?*

- “Não, mas eles sempre ficaram: ai, criança não tem querer! Ah, criança não tem que escolher! Essas coisas.”.

- *Você trabalha?*

- “Não, eu só faço pulseira mesmo, vendo pra alguns colegas. Mas eu ganho minha mesada.”.

*- Quais são os seus direitos?*

- “Olha, eu acho que eu tenho que ser respeitada, entendeu? Eu tenho que ter moradia, eu tenho que ter lazer, e tenho que ter condições humanitárias. Para mim são os meus direitos.”.

A concepção das infâncias, até que ponto elas são respeitadas ao seu modo e como são vistas pelos adultos são pontos de muita importância e questionamento. Se enxergamos a infância apenas como uma fase e a criança como alguém que não tem voz e nem poder de escolha, consequentemente não damos importância e nem pensamos que a criança também tem direitos. A abertura existente no CAp-Uerj para um currículo que pode ser regido pelo olhar delas e para elas, de serem incentivadas o tempo inteiro a se posicionarem, pensar e externalizar o que aprenderam e o que trazem consigo de suas vivências e dos lugares de onde vêm, é o que nos move e tem nos fascinado nessa jornada pela educação.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observar a importância de tais diálogos, perguntas e respostas das crianças nos leva ao lugar de escola como ressignificação de costumes e culturas, incluindo a cultura de banalizar a voz do aluno. O currículo, com o qual contribuímos e pesquisamos, possibilita a pluralidade de sentidos que atravessam infâncias e culturas, e que devem ser olhadas com a capacidade de (des)construção histórica e de suas identidades.

Para alguns alunos já é comum entender-se como produtor e protagonista de algo dentro da escola, a exemplo de Elias e Fernanda, seja de conhecimento ou relação com os colegas. Para outros - crianças como Davi - o processo de perceber-se como produtor de sentidos, não só a nível individual, mas em desenvolvimento coletivo que acontece por meio das relações das crianças com seus pares, ainda é algo a se descobrir. Dessa forma, vivemos e percebemos as produções de sentidos de diversas infâncias, ressignificando uma infância que acumula indicadores de exclusão e sofrimento.

O currículo atravessado por diferenças entre estudantes que são expressivos, inquietos, questionadores e com os mais quietos, de poucos movimentos e percepção no ambiente escolar, constroem de forma impactante também o docente que se proponha estar a frente da turma e que acredita num currículo vivenciado por disputas e diálogos entre docentes e alunos, pois se entende que as diferenças devem ser percebidas e encaradas, já que a tentativa de domínio é inerente à produção curricular (AXER, 2019 p .55).

Podemos assim concluir com o presente trabalho a importância da participação das crianças no processo de produção curricular, participação em que as crianças se percebem como produtoras de conhecimento e de currículo. A prática do diálogo e escuta das crianças, a busca pelo olhar delas, passa pelo entendimento de que as crianças devem ser estudadas a partir do seu próprio campo (SARMENTO, 2008).

É necessário frisar a escola - como um lugar e ambiente com diferenças - e sua oportunidade de ensinar o aluno a agir de forma democrática e cooperativa, desse modo, não realizando a negação da participação das crianças nessa produção de sentidos e cultura. A dinâmica curricular envolve a produção e implementação do currículo dentro e fora de sala de aula, respeitando os discursos globais e locais, que negociam a existência desses alunos.

**REFERÊNCIAS**

AXER, Bonnie. “PROFESSORA, POR QUE VOCÊ NÃO COLOCA A ROTINA NO QUADRO?”: reflexões sobre a produção/vivência pós-estrutural do currículo. (p. 47-59). In: LOPES, Danielle Bastos; PEREIRA, Talita Vidal (org.). **Currículo e diferença na educação básica: diálogos nos colégios de aplicação.** (Série: Temas em currículo, docência e avaliação - volume 7). Curitiba: CRV, 2019.

AXER, Bonnie; GIGANTE, Camila. CRIANÇAS COMO CURRICULISTAS: O CURRÍCULO NEGOCIADO COM OS ESTUDANTES E A POTÊNCIA DA AÇÃO DOCENTE. *In:* SILVA, Perseu; BORGES, Luís Paulo Cruz; FREITAS, Maíra de Oliveira (orgs). **Infâncias & Juventudes: Insurgências necessárias no tempo presente.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

FILHO, Aristeo Leite ; GOMES, Lisandra Ogg; PEREIRA, Rita Marisa Ribes . **Um convite ao lúdico! Perspectivas teóricas e formação docente**. RIO DE JANEIRO : desidades, 2022. 27 p.

PINTO, M.; SARMENTO, M.J. (coords.). **As crianças: contextos e identidades.** Braga: Universidade do Minho, 1997.

SARMENTO, Manuel Jacinto (2008). “Sociologia da Infância: Correntes e Confluências”. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (org.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais.** Petrópolis. Vozes, 2008, 17-39.